

Organização

CITCEM/FLUP

Comissão Científica

Comissão Executiva do CITCEM

Comissão organizadora

Carla Sequeira

Joana Sequeira

Secretariado

Inês Rebanda Coelho

Vanessa Sousa

Contactos

CITCEM/FLUP

Tlf: 226 077 177

E-mail: oic.citcem@gmail.com

citcem@letras.up.pt

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.

Entrada Livre

oiccitcem.wixsite.com/oficinascitcem

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM 20/21

SESSÃO 1

[18.09.20 • 14h30]

Proponente da sessão

Ana Isabel Moreira

«Entre palavras,
imagens, objetos, ...
Aprender (outra)
História na sala de
aula»

LOCAL: Anfiteatro Nobre

PROGRAMA

14h30 *O que se vê no 2.º ciclo do Ensino Básico?* | Ana Isabel Moreira

14h50 *Ideas estéticas del alumnado: ¿estilo o imaginario colectivo?* | Ana Ponce Gea

15h10 Intervalo

15h30 *A interpretação de fontes materiais pelos alunos do 3.º ciclo* | Maria Helena Pinto

15h50 *Interpretação de fontes: da diversidade de palavras, à diversidade de olhares* | Isabel Barca e Marília Gago

16h10 Debate

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

ANA ISABEL MOREIRA. Investigadora integrada do CITCEM, no grupo 'Educação e Desafios Societais'. Doutora em Educação, pela Universidade de Santiago de Compostela (2018), com uma tese no âmbito da Educação Histórica. Professora do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico, atualmente a lecionar Português e História e Geografia de Portugal numa instituição privada do norte do país. Autora e co-autora de vários trabalhos científicos sobre educação histórica, narrativas históricas e identidade profissional docente.

O que se vê no 2.º ciclo do Ensino Básico?

As fontes iconográficas são frequentemente utilizadas nas aulas de História. *Mas será que os alunos aprendem, de facto, a interpretar o seu conteúdo explícito? E os professores, ensinam-nos a olhar também para os sentidos implícitos?* A partir dos dados recolhidos junto de 91 alunos do 6.º ano, pretende-se apresentar eventuais respostas para aquelas questões. A tarefa realizada foi simples: referir aspetos históricos que associassem a quatro imagens distintas e relacionadas com a História de Portugal, podendo posicionar-se face aos mesmos. Desde logo, para os participantes do 2.º ciclo, D. Afonso Henriques, 'pai de Portugal', não é merecedor de qualquer apontamento menos favorável; e os soldados com cravos vermelhos nas espingardas conquistaram, 'felizmente', a liberdade, mas sem que se problematize o tal Estado Novo anterior. Importa, pois, que se reflita hoje sobre a relevância daqueles agentes serem capazes de *ver qualquer imagem* para além de meras decorações em manuais escolares.

ANA ISABEL PONCE GEA. Graduada em Educación Primaria pela Universidade de Múrcia (prémio extraordinário), também aí concluiu o Mestrado em

Investigación e Innovación en Educación Infantil y Primaria. Após outras ajudas iniciais, recebeu o apoio da Fundação Séneca, Agência de Ciência e Tecnologia da Região de Múrcia, para o desenvolvimento da sua tese de doutoramento. É doutora em Educação pela Universidade de Múrcia e doutora em História pela Universidade do Porto. Atualmente, trabalha como professora na Universidade de Alicante, na área de Teoria e História da Educação, além de ser investigadora colaboradora do CITCEM, no grupo 'Educação e Desafios Societais'.

Ideas estéticas del alumnado: ¿estilo o imaginario colectivo?

La elaboración de discursos iconográficos porta necesariamente valores añadidos en torno a las preferencias estéticas, la tradición o la propia emotividad personal. Responder a unas indicaciones para la conformación de una imagen entre las posibles supone escoger entre los diferentes discursos que conforman nuestra cultura histórica, atendiendo o no a cuestiones como el contexto socioeconómico, imprescindibles para la comprensión de los productos artísticos. En este trabajo, se han analizado las ideas estéticas del alumnado de educación secundaria a partir de una propuesta didáctica: la construcción de un templo del que no se conoce imagen. Los resultados ponen de manifiesto una motivación de tipo académico para la construcción que, sin embargo, no impide discursos alejados temporal y espacialmente de las indicaciones. Estos discursos nos permiten identificar ideas subyacentes propias del imaginario colectivo.

MARIA HELENA PINTO. Investigadora Integrada do CITCEM, no grupo "Educação e Desafios Societais". Doutora em Ciências da Educação, especialidade de Educação em História e Ciências Sociais (U. Minho), com a tese "Educação Histórica e Patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente". Mestre em Património e Turismo (U. Minho). Licenciada em História, área educacional, pela FLUP. Docente de História (3.º CEB/Sec.). Formadora de professores, certificada pelo CCPFC. Coordenou a elaboração de material educativo em museus do norte do país (Guimarães, Braga, Barcelos). Autora de artigos científicos em revistas internacionais nas áreas de Educação Histórica e de Educação Patrimonial.

A interpretação de fontes materiais pelos alunos do 3.º ciclo

Pretende-se salientar a importância de atividades educativas que incluam o uso de fontes materiais e desafiem as pré-concepções dos alunos. Apresentam-se duas experiências desenvolvidas em contexto escolar com alunos do 3.º Ciclo. Trata-se de investigação-ação com base numa abordagem qualitativa, a fim de conhecer as perspetivas dos participantes relativamente aos usos e significados de objetos arqueológicos no respetivo contexto histórico. Na primeira experiência, com 70 alunos do 7.º ano, procurou-se

compreender como usam e dão sentido a réplicas de objetos arqueológicos da época romana. No segundo exemplo, 70 alunos de 8.º ano foram convidados a selecionar e interpretar fragmentos de objetos arqueológicos da Cultura Castreja. A análise dos dados permitiu reconhecer inferências históricas menos ou mais complexas nas respostas dos alunos e salientar a importância da manipulação das fontes materiais para a construção de sentidos históricos e para uma aprendizagem significativa.

ISABEL BARCA. Investigadora Integrada do CITCEM, no grupo 'Educação e Desafios Societais'. Professora Associada com Agregação pela Universidade do Minho (aposentada). Doutora em History in Education pela Universidade de Londres. Mestre em Ensino de Ciências Sociais pela Universidade de Boston. Licenciada em História pela Universidade do Porto. Coordenadora de vários projetos financiados pela FCT, com destaque para os de "Consciência Histórica — Teoria e Práticas". Autora e co-autora de diversos artigos e capítulos de livros sobre educação histórica, pensamento histórico dos jovens, concepções de professores e manuais escolares.

MARÍLIA GAGO. Professora Convidada no Instituto de Educação da Universidade do Minho e Investigadora do CITCEM. Realizou o seu Pós-doutoramento, no âmbito do Projeto de Investigação "Consciência histórica – teoria e práticas (II)", financiado pela FCT e coordenado pela Professora Doutora Isabel Barca. Doutorada em Educação, Metodologia do ensino da História e Ciências Sociais, Mestre em Supervisão Pedagógica e Licenciada em História e Ciências Sociais. Autora de manuais escolares de História e História e Geografia de Portugal. Formadora creditada pelo Conselho Científico-Pedagógico de Formação Contínua. Participação em vários eventos científicos nacionais e internacionais com livros e artigos publicados na área de Educação Histórica.

Interpretação de fontes: da diversidade de palavras, à diversidade de olhares

A interpretação de fontes diversas é uma operação metodológica crucial em História. Mas, em regra, não basta trabalhar fontes variadas apenas na sua forma de comunicar (verbal, áudio, visual, etc); há que tomar em consideração diversos pontos de vista para uma compreensão mais abrangente, multifacetada e, portanto, mais "verdadeira", do passado em estudo. No momento em que surge a disciplina "História, Culturas e Democracia" como opção curricular no 12.º ano de escolaridade, vem a propósito visitar um estudo de investigação em educação histórica, sobre a Guerra Colonial, que incidiu na interpretação de fontes com pontos de vista diversificados. Este estudo foi implementado em turmas de 6º e 9º anos de escolaridade e foi parte integrante do "Projeto Formar Opinião na aula de História" financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Alguns elementos deste projeto serão apresentados e discutidos no âmbito desta Oficina.